

de entretenimento, é uma crítica da humanidade. Por isso é muito difícil de traduzir porque deve ter sido muito difícil de construir.

Abrindo o livro

No dia 29 de maio, na Sala de Seminário 2 da Biblioteca da Unisinos, foi realizada a segunda edição de **Abrindo o Livro**, com a apresentação da obra **História da Guerra do Peloponeso**, de Tucídides, apresentada pelo Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Vargas é doutor em História Social, pela Universidade de São Paulo, USP e mestre em História, pela UFRGS. IHU On-Line conversou com o historiador a respeito da obra apresentada.

IHU On-Line- O que o livro revela sobre o paradigma de comportamento de uma sociedade?

Anderson Z. Vargas- Antes de mais nada, é preciso ressaltar que a *História* (Proponho usar *História* para designar a obra de Tucídides) é um exemplo de "obra aberta", capaz de permitir múltiplas interpretações aos seus leitores. Isso é consequência dos silêncios e das imprecisões do autor - curiosamente enaltecido pela sua devoção ao rigorismo em todos os sentidos -, das peculiaridades do grego antigo, da ausência de uma chave explicativa. A "Guerra dos peloponésios e atenienses" não é simples crônica de um conflito militar. Este, tal como abordado pelo historiador ateniense, é um fenômeno de magnitude, complexidade e profundidade tais que a sua escrita torna-se uma meditação sobre a possibilidade de o homem agir de forma consequente. É uma reflexão sobre a possibilidade de os planos serem realizados tal como idealizados, a despeito do acaso - a *týche* grega - e do próprio homem, individual e coletivamente considerado. Tucídides destaca, por um lado, o caráter e mesmo a *natureza* particular de certos indivíduos, como Péricles e Temístocles, sublinhando especialmente suas inteligências superlativas; por outro, o *ethos* de cada comunidade grega também é apresentado como variável da história: os atenienses com sua ousadia e gosto pela inovação, os lacedemônios com sua cautela, algumas vezes acusada de ser, na realidade, simples falta de iniciativa.

IHU On-Line- O livro revela, então, importantes aspectos em relação ao comportamento social da época?

Anderson Z. Vargas- No tocante a comportamento social, destaco duas passagens em particular: o relato da "peste" (entre aspas porque até hoje ignoramos o que foi tal doença), e da *stásis*, o termo grego para conflito civil. São duas narrativas que mostram a precariedade e a vulnerabilidade da ordem social. No primeiro caso, a sociedade ateniense mergulha na anomia em razão de uma experiência que sobrepuja a capacidade humana de entendimento e de resistência ao sofrimento. Frente a uma experiência mortal - para a qual não encontram explicação e tratamento humano ou divino -, e que vitima indiferentemente ricos e pobres, virtuosos e viciosos, os atenienses deixam de respeitar qualquer norma social. Prescrita pelos homens ou pelos deuses, toda regra usual é abandonada; os atenienses elegem como *bem* a satisfação imediata dos seus interesses e prazeres individuais. No caso da *stásis*, a maioria dos homens tem seu caráter moldado pelas circunstâncias extremas da guerra, que suprime a satisfação das necessidades cotidianas. O cenário descrito por Tucídides é de um mundo de ponta-cabeça, onde o que era considerado *mal* passa a ser considerado um *bem*, onde o virtuoso é vitimado, onde os juramentos são descumpridos, no qual novamente as regras humanas e divinas sucumbem ao peso das circunstâncias.

Nos dois casos, Tucídides parece mostrar que a suprema criação grega, a vida na pólis, era algo precário, vulnerável a certas experiências extremas que convulsionavam a vida cotidiana, transtornando a mente e o espírito da maioria dos seres humanos. Digo *maioria* porque parece que Tucídides sugere que um grande homem como Péricles poderia escapar ao peso das circunstâncias. Mas é bom lembrar que o próprio estrategista¹ ateniense falece em decorrência de algo circunstancial: a peste.

IHU On-Line- De que forma *História da Guerra do Peloponeso* ajuda a compreender a recente guerra dos EUA e do Iraque e a situação de domínio universal dos EUA?

Anderson Z. Vargas- Segundo notícias, os norte-americanos têm lido a obra de Tucídides em busca de orientação no contexto do mundo pós-guerra-fria. O Secretário de Estado Colin Powell teria uma frase da *História* decorando sua mesa, alguns intelectuais norte-americanos se sentiriam como "novos atenienses".

Um bom número de historiadores, no entanto, é reticente quanto à possibilidade de aproximar fenômenos muito distantes no tempo. Eu diria que, sendo uma reflexão sobre a ação humana no contexto extremo de um conflito militar, a obra de Tucídides pode ser de muita valia para a compreensão de qualquer guerra. Por exemplo: mesmo o Péricles de Tucídides - que propugnava aos seus concidadãos a manutenção, a todo custo, da estratégia decidida em comum de permitir a devastação de seu território enquanto empreendiam ações no mar que dominavam -, sabia que uma vez iniciado um conflito os acontecimentos podiam assumir as formas mais imprevisíveis. E outros oradores mencionam o imponderável que muitas vezes arruína o mais cuidadoso planejamento.

Lembrei-me desse aspecto da *História* quando, mesmo enfrentando um país cuja capacidade militar estava gravemente comprometida, os EUA e seus aliados acabaram sendo surpreendidos pela resistência iraquiana no início da guerra, pela deficiência do planejamento "aliado" e mesmo por eventos climáticos. Há pouco, o Presidente Bush, em um de seus discursos pronunciados, tendo como pano de fundo tanques e aviões de guerra, disse que os norte-americanos tinham redefinido a guerra conforme a sua vontade. A pretensão humana de controlar o curso dos acontecimentos é uma das grandes vítimas na obra tucidideana.

IHU On-Line- Qual é a importância e possíveis associações do *Discurso Fúnebre* de Péricles?

Anderson Z. Vargas- O funeral público era um evento religioso que consagrava cidadãos-heróis mortos, demonstrando o apreço dos cidadãos sobreviventes pelos que tinham morrido na defesa da pólis, ou na defesa dos interesses desta. Era uma honra ser escolhido como orador, e o discurso fúnebre tornou-se um gênero retórico de grande importância no mundo grego. A análise do *Discurso Fúnebre* de Péricles revela a pólis ideal, um modelo que devia ser perseguido pelos atenienses e uma mensagem a ser divulgada através da Hélade. Há muitos aspectos que podem ser explorados. Destaco alguns.

É, como disse, uma louvação da morte, da "bela morte cidadã". Isso pode chocar certa sensibilidade contemporânea, que não reconhece outro valor acima da preservação da vida. Ser cidadão no Mundo Grego Antigo, contudo, incluía assumir a obrigação de arriscar sua vida pela pólis. Esta, é bom ressaltar, é a comunidade de cidadãos, e todos, ricos e pobres, magistrados ou não, estavam sujeitos a esta obrigação. Em seu *Discurso*, inclusive, o estrategista ateniense afirma que a participação adequada nas assembleias somente podia ocorrer se todos

¹ Estrategista era a máxima magistratura ateniense no tempo da Guerra do Peloponeso. Qualquer cidadão podia concorrer a tal cargo, que podia ser exercido por vários mandatos sucessivos. Envolvia a liderança política, bem como comando militar.

os cidadãos tivessem a vida de seus filhos colocadas em jogo nas deliberações. Péricles não somente exalta os cidadãos-heróis mortos, mas também insta os vivos a seguirem seu exemplo quando fosse chegada a hora. Todos deviam aceitar os riscos inerentes à cidadania, razão maior da *glória* de Atenas. Uma *glória* que, com orgulho excessivo, Péricles afirmou dispensar o serviço de poetas como Homero, cujas palavras, acrescentou, podiam ser desacreditadas pelos fatos. As realizações atenienses é que garantiriam a perenidade do nome de sua pólis. De forma admiravelmente sincera, Péricles menciona que tais realizações incluíam "bens" e "males" causados a terceiros. Nesse caso, não há nada de "falsa consciência" na mensagem ideológica do *Discurso*.

IHU On-Line- Já que "o conhecimento exato do passado é a melhor ajuda para compreender o futuro", que possíveis caminhos de futuro o livro poderia estar iluminando?

Anderson Z. Vargas- Tucídides prometeu que sua escrita seria uma "posse para sempre" - não oferecia o deleite proporcionado pelo mítico, mas a sobriedade da verdade sobre acontecimentos que poderiam voltar a acontecer, de forma semelhante ou análoga, em razão do seu caráter humano.

Há muitos livros escritos sobre o sentido dessa promessa e creio que nunca chegaremos a um acordo. Não creio que Tucídides "ilumine" o futuro da forma como gostaríamos, no sentido de uma "previsão clara" do que acontecerá. Ele também não tinha nenhuma proposta utópica - o mundo para ele era o mundo da pólis grega, com todas as suas imperfeições e problemas. Hoje há uma tendência historiográfica que valoriza o aspecto trágico da *História*, no sentido que ela mostraria o que mencionei anteriormente: a distância que há entre intenções, atos e conseqüências. Nesse caso, a leitura de Tucídides, ao demonstrar a complexidade e os riscos inerentes à ação humana, recomendaria reflexão e moderação, mas não inação.

IHU On-Line- O esboço do preâmbulo da futura Constituição europeia é precedida de uma citação de Tucídides (400 a. C.): "A nossa Constituição se chama democrática porque o poder está nas mãos não de uma minoria, mas do povo inteiro". Qual o conceito de democracia para o autor?

Anderson Z. Vargas- Essa frase foi retirada do *Discurso Fúnebre* de Péricles. Compõe, portanto, o modelo ideal de Atenas apresentado por Tucídides. De forma geral, se recomenda não confundir, *a priori*, as posições dos oradores da *História* com as de seu autor. Essa é outra razão para podermos fazer múltiplas interpretações da obra de Tucídides. Há intérpretes que consideram o historiador ateniense como filoespartano, outros como simpático à democracia, ou à democracia moderada instaurada depois do Regime dos 400, o qual interrompera a normalidade democrática. Tucídides a elogia por equilibrar o poder de aristocratas e do dêmos, o "povo" ateniense, e considera tal regime razão maior da recuperação de Atenas depois da catastrófica derrota de sua expedição à Sicília. Pode-se lamentar que Tucídides não seja explícito - a ambigüidade não se coaduna com nosso desejo de clareza e de univocidade - mas ela é razão da riqueza da *História* e de sua perenidade até este momento.